



EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS TRANSFORMAÇÕES NO CEDF UEPA

Débora Pantoja dos Santos¹
Alesson Maciel da Silva²

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; professores; transformações; universidade.

INTRODUÇÃO

Será apresentado a seguir um trabalho sobre as principais mudanças nos métodos de aprendizagem no Curso de Educação Física ao decorrer do tempo, enfatizando o Curso da Universidade Estadual do Pará (UEPA) como objeto de pesquisa e voltando os temas abordados para o cotidiano do curso na universidade.

O objetivo desse estudo foi de descrever as transformações pedagógicas na Educação Física na UEPA, para assim entender as principais diferenças e transformações ao decorrer do tempo, desde a implantação do curso até hoje.

A proposta de escrever sobre o tema foi lançada na disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica da universidade, na qual optei por uma pesquisa de caráter qualitativo. Foram realizadas entrevistas com o modelo de questionário em agosto de 2012 com seis professores de diferentes épocas, caracterizados como antigos, intermediários até os mais recentes. Foram utilizados ao longo do texto os termos Pessoa A e Pessoa B, Pessoa C e Pessoa D para marcar a fala dos professores entrevistados e preservar o seu anonimato.

OS TEÓRICOS SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Ao estudarmos as mudanças da Educação Física, precisamos atentar para os acontecimentos e mudanças históricas, que fizeram reorganizar o trabalho do professor de Educação Física. Diante da discussão dos anseios do capital, no que diz respeito à formação humana para o trabalho, servirá de base para análise das mudanças no campo educacional.

Com a mudança da grade curricular do curso de Educação Física em 1999, na qual as modalidades esportivas que no início eram obrigatórias e passaram a ser optativas, gerou uma grande insatisfação principalmente para os professores mais antigos. Oliveira (1994), visando a Educação Física com sua real importância, contempla tanto as atividades esportivas quanto os conteúdos pedagógicos na formação.

Não pretendemos excluir o desenvolvimento da aptidão física das preocupações da Educação Física. Nem o desenvolvimento de habilidades motoras por intermédio dos jogos e esportes. Correríamos o risco de descaracterizar a profissão. O fundamental é que se compreenda que essas atividades são meios e não fins. (OLIVEIRA, 1994, p.89).

Uma passagem do Coletivo de Autores (1992) ampara o novo modelo do Curso de Educação Física na universidade.

Na perspectiva de reflexão sobre a cultura corporal, a dinâmica curricular, no âmbito da Educação Física tem características bem diferenciadas da tendência anterior. Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de representação o mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizados pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e

¹ Acadêmica do curso de Educação Física da UEPA; Deborah_pantoja@hotmail.com

² Acadêmico do curso de Educação Física da UEPA; Alessonmaciel1@hotmail.com

outros que podem ser identificados como forma de representação simbólica de realidades vividas pelo homem. (Coletivo de Autores, 1992, p.38).

Segundo Paiva (2003), quando se permanece no âmbito da pedagogia não significa que vai focar apenas na dimensão escolar. Ao pensar e praticar uma Educação Física desescolarizada, podemos incentivar à corporeidade em ambientes que podem ser educacionais, mesmo não parecendo, tais como academias, ruas de lazer e hospitais, podendo atuar fundamentado científica e pedagogicamente um professor de Educação Física.

AS TRANSFORMAÇÕES NA FORMA DE INGRESSO NO CURSO DA UEPA

A Educação Física de acordo com Castelani (1994) chegou ao Brasil em 1810, porém, apesar da Escola Superior de Educação Física só ter sido criada em 1970, idealizada por Nagib Matni, o curso acompanhou a história da profissão no Brasil desde o princípio, na qual era marcada pela técnica, como uma preparação para possíveis guerras, além de uma forma de alienação para o povo.

Como relatado pelos professores mais antigos da instituição no qual foram alunos, o curso era totalmente voltado para o tecnicismo, os alunos deveriam executar o exercício de maneira correta, sequenciadas, com várias séries de repetições, pois a Educação Física era marcada pelas heranças militaristas.

O corpo discente para ingressar era submetido a três tipos de exames, onde primeiramente era avaliado a sua aptidão física, logo após havia o exame médico para depois realizar os exames teóricos.

O exame de aptidão física consistia em testes de coordenação psicomotora e provas atléticas. O candidato que não conseguisse realizar o teste de coordenação motora já era considerado eliminado, igualmente os que não conseguissem realizar as provas atléticas. O que foi relatado pela pessoa A que foi aluno da primeira turma.

“Começava com as provas Práticas, ele era eliminado nessa prova pois era classificatória consistia em um circuito de 60 minutos com varias estações, depois salto em altura, salto em distancia, natação e depois uma prova de coordenação, depois ia para os exames médicos e somente depois fazia a prova escrita.”

Foi relatado também que geralmente quem ingressava no curso eram atletas, pois a prova exigia muito esforço físico e durante a graduação os testes físicos eram constantes.

Hoje foi abolido o teste físico, sendo apenas realizada pela instituição prova teórica, contendo as disciplinas do ensino médio, o mesmo conteúdo para todos os cursos que a universidade oferece. Podendo ingressar pelo Programa de Ingresso Seriado da UEPA chamado de Prise, na qual os alunos ao fazem um prova por ano durante os três anos do ensino médio ou o aluno faz o processo seletivo chamado de Prosel, na qual os alunos fazem no terceiro ano ou quando já terminou seus estudos as três provas no final do ano.

AS TRANSFORMAÇÕES NA GRADE CURRICULAR DO CURSO

No início do curso, as modalidades esportivas eram obrigatórias, os alunos precisavam saber e praticar a técnica para avançar no curso. Segundo a pessoa B caracterizada como intermediária, mas que comenta sobre a sua época de aluna da universidade:

“Educação Física na minha época ela era muito voltada pra área do aperfeiçoamento, da técnica, então nós tínhamos que fazer muito bem o passe do handball, do vôlei, do basquete, nós éramos avaliados pela técnica e não pelo conhecimento em si sobre a técnica. Nós tínhamos uma Educação Física muito mais voltada pra prática calistêmica e tecnicista.”

Em relação as modalidades esportivas que hoje são optativas a pessoa C critica:

“Hoje temos alunos que não se encontram no perfil de um profissional da área de Educação Física, tudo bem que antes era muito severo o processo, mas era importante o desenvolvimento da habilidade do aluno, pois como é que um professor vai passar um treinamento para um aluno se ele não consegue fazer? Não podem, os alunos saem com um conhecimento muito superficial sobre os esportes apesar de terem interesse em aprender, porém não tem oportunidade de fazer todas as disciplinas optativas.”

O aluno precisa ter a base de todos os âmbitos, mas não é obrigado praticar para se definir um profissional não se identificando na área. Os professores mais novos relatam que já com a reformulação do novo Projeto Político Pedagógico de 1999, foi um processo menos tecnicista, ofertando oportunidade de pesquisa, trabalhando a linha pedagógica, assim como o incentivo do lúdico nas aulas. Uma crítica feita pelos professores foi à presença de um curso de Educação Física altamente voltada para o campo pedagógico descaracterizando o modelo de Licenciatura Plena e o esquecimento de disciplinas tão importante quanto, como relatado pela Pessoa D:

“Nós tínhamos anatomia 1 e 2, socorros de urgência, fisioterapia, biomecânica era obrigatório. Nós tínhamos disciplinas da área da saúde que hoje esses alunos têm uma necessidade de correr atrás para o processo de conhecimento”.

Vale destacar também uma ironização da PessoaD em relação a linha pedagógica seguida pelo curso: *“No meu tempo era Licenciatura Plena em Educação Física, hoje é Licenciatura Plena em Pedagogia da Educação Física.”*

Porém, mesmo com um novo Projeto Político e Pedagógico, percebe-se que ainda existem professores que ministra suas aulas no molde antigo, não buscam a formação continuada, nem se atualizar, predominando o conformismo.

Conclui-se que essa discussão foi muito importante para entender o que melhorou ou deixou a desejar com as transformações ao decorrer do tempo no curso, o que não quer dizer que esse modelo não possa ser mudado posteriormente. E se houver novas mudanças, com muito estudo as disciplinas possam contemplar todas as áreas que a Educação Física engloba. Contudo, foi gratificante fazer essa análise no tempo para entender que os pensamentos são divergentes dos professores por terem vivido a Educação Física em momentos diferentes, com a linha seguida diferente. Mas é necessário se adequarem ao modelo de Educação Física do hoje para desenvolver suas atividades, buscando uma melhor qualidade para a formação profissional da área.

REFERÊNCIAS

CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil: A história que não se conta. 4ª ed. Campinas: Papirus, 1994.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da Educação Física. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. O Que É Educação Física. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAIVA, F. S. L. A constituição do campo da educação física no Brasil: ponderações acerca de sua especificidade e autonomia. In: Bracht, V.; Crisório, R. (Org.). Educação física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas Campinas e Rio de Janeiro: Autores Associados e PROSUL, 2003, v. 1, p. 78.